

O ENSINO DE GEOGRAFIA NO PIBID/CAP-UERJ: “ESTUDO DO MEIO” E SUAS POTENCIALIDADES COM OS ESTUDANTES DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO-RJ

Uriel Borges da Silva Junior, Bruno de Lima Alves; Paulo Victor Firmino da Silva; Raphael Santana; Orientadores: Fábio Tadeu Santana e Andressa Lacerda.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ. Email: lirink@gmail.com

Resumo: Repensar nossas práticas de ensino em geografia, nos permite renovar as formas como trabalhamos diariamente dentro e fora dos espaços de sala de aula com os alunos. Refletir sobre como podemos realizar o processo de ensino-aprendizagem tornar-se mais significativo afim de permitir aos alunos desenvolver um olhar crítico sobre o espaço geográfico no qual estão inseridos se tornou um dos desafios que nortearam o nosso trabalho. Na nossa experiência, o Estudo do Meio tem sido um importante recurso pedagógico para o ensino de geografia em colégios públicos municipais do Rio de Janeiro-RJ. O trabalho tem como propósito verificar e produzir conhecimentos através de profundo dialogo sobre a realidade na qual os alunos estão inseridos, além de construir por esse caminho conhecimentos geográficos mais próximos do seu viver social. Após algumas experiências empíricas estruturamos as nossas práticas em três fases: Realização de um pré-trabalho de campo com o objetivo de reconhecer o espaço e determinar os pontos que serão trabalhados, montagem de um caderno de atividades com conteúdos geográficos, o trabalho de campo no espaço geográfico e por fim a análise dos dados e o pós-campo onde ocorre uma construção coletiva dos conteúdos. Realizamos alguns estudos do meio nas escolas onde estagiamos, tendo sido de grande aprendizado para os envolvidos no projeto “PIBID CAP-UERJ” e também para os alunos das escolas. Vivenciarmos e participarmos da criação de práticas de ensino como esta, tem sido muito importante para a nossa formação como futuros professores de geografia e acima de tudo como educadores.

Palavras-chave: Estudo do meio, ensino de geografia, recurso pedagógico

Introdução

No presente trabalho descreveremos sobre como “Estudo do Meio” foi um importante recurso metodológico nas ações realizadas dentro das escolas inseridas no projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - CAPES). O projeto se iniciou desde 2015 com as Escolas Municipais São Tomás de Aquino, Francisco Campos e João Saldanha, onde trabalhamos exclusivamente com turmas do segundo segmento do ensino fundamental.

A utilização do “Estudo do Meio” como importante recurso metodológico pavimentou a produção do conhecimento geográfico menos distante da realidade dos discentes. A Escola Municipal João Saldanha está localizada no bairro de Botafogo na zona sul da cidade, mas, os estudantes matriculados nessa escola em grande parte residem em favelas próximas a escola. Há poucas quadras da escola João Saldanha está localizado o Morro Pão de Açúcar, que leva a imagem da cidade mundo a fora foi o primeiro passo, para iniciar a exposição dos bolsistas sobre a formação geomorfológica de forma mais próxima da realidade dos alunos. A compreensão dos processos formação desse relevo e

da fundação da cidade foram problematizados nessa mesma exposição. A Escola Municipal Francisco Campos localizada na zona norte cidade, no bairro do Grajaú e que majoritariamente atende alunos oriundos de comunidades tiveram o primeiro contato a reserva florestal no meio do bairro onde estudam. A decisão de realizar um estudo sobre essa Reserva Florestal do Grajaú com estudantes da Francisco Campos foi para demonstrar aos mesmos que não existe uma clivagem na análise geográfica entre sociedade e natureza. Os estudantes da Escola São Tomás de Aquino, localizada no bairro do Leme zona sul da cidade, utilizamos o mesmo recorte como descrito acima realizando a pesquisa sobre a Unidade de Conservação do Leme (APA) que está localizada ao lado da escola.

Analisar a realidade na qual se está inserida é algo primordial para iniciar-se um determinado processo de mudança nas práticas e ações durante o dia-a-dia, porém, para isso é necessário que os alunos tenham consciência do espaço em que estão inseridos. Essas especificidades provenientes da localização de cada unidade escolar produziram dados diferentes, desdobrando-se no resgate reflexivo dos estagiários e docentes-supervisores acerca dos materiais trabalhados sobre a cidade nas escolas parceiras.

O objetivo de utilizar Estudo do meio como recurso de ensino-aprendizagem de maneira horizontal com os alunos, construiu um caminho para o conhecimento geográfico através uma realidade sensível e mais próxima, fazendo com que alunos reflitam não apenas o meio em que a escolas estão inseridas, mas também sobre os conflitos existente no espaço em diversas escalas. O Estudo Meio permitiu aos alunos que a produção do conhecimento não está apenas cristalizada no livro didático ou no docente que o acompanha em toda a sua trajetória escolar. A produção de um documento sobre áreas citadas acima inserindo o estudante como principal responsável daquela informação foi cobrado dentro dos seus cadernos de campo elaborados no primeiro momentos pelos estagiários. O registro das informações no trabalho de campo com estudantes foram por meio de fotos, entrevistas e relatórios colocando-os como produtores de sentido.

É importante ressaltar que o estudo do meio possibilita a oportunidade de “remontar” os currículos. O currículo como documento oficial apresenta-se como elemento norteador da prática docente, mas, não é o único caminho que direciona. A intenção desse trabalho não é discernir sobre as teorias do currículo, essa análise deixaremos a serem debatidas com os colegas que já possuem uma vasta pesquisa nesse campo.

Portanto, a utilização dessa ferramenta metodológica permite que os professores de geografia trabalhem adequando o conteúdo desejado à

comunidade escolar. É interessante pontuar que o estudo do meio é capaz de fazer o conhecimento se tornar mútuo, por conta de não ter o professor apenas como detentor do conhecimento, mas sim um mediador.

Considerações históricas sobre o estudo do meio no Brasil

No início do século XX, onde a escolarização não era obrigatória, somente uma parte da população brasileira frequentavam escolas. Com isso surgiu um movimento que buscava “alimentar” de conhecimento as classes operárias e trabalhadoras oferecendo-as escolas que ajudassem no desenvolvimento de pensamento crítico. Inspiradas nas ideias pedagógicas de Ferrer, as escolas criadas pelos militantes do movimento anarquista tinham como princípio oferecer um ensino racional, fundamentado em observações de campo, em discussões e para assim ajudar na formação do espírito crítico sobre o meio circundante, ou seja, o contexto social do entorno da escola ao qual pertenciam os alunos.

Já na década de 1960 o estudo do meio ficou impossibilitado de ser realizado legalmente, graças ao Ato institucional – 5, decretado em 13 de dezembro de 1968 pelo general Costa e Silva, “Estudos do Meio ficaram proibidos. Nesse período, quando realizados, aconteciam clandestinamente” (LOPES E PONTUSCHKA, 2009, p.177).

O estudo do meio ainda vem buscando seu espaço dentro das práticas pedagógicas adotadas por professores faz-se necessário disseminar esta forma de ensino-aprendizagem, além de suas etapas, afim de não banalizarmos ou confundirmos com visitas guiadas ou até mesmo passeios escolares, ainda que tenham sua importância pedagógica, são recursos diferentes do estudo do meio.

Uma prática pedagógica baseada na autonomia.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID/CAPES desenvolvido pelo Instituto Fernando Rodrigues da Silveira CAP-UERJ vinculado a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ possibilitou aos bolsistas "repensarem práticas pedagógicas no ensino de geografia". Na medida em que a produção de saberes articulando entre teoria e a prática, a partir da realidade sensível dos alunos seria de uma importância para o desenvolvimento das ações dentro do espaço de ensino-aprendizagem. A utilização da metodologia de recortar parte de uma realidade através do “ Estudo do Meio” para analisar o espaço geográfico nas três escolas é proveniente do fato de intervir da forma dialógica nessas unidades de ensino.

A utilização desta prática pedagógica como principal ferramenta no projeto possibilitou o avanço na produção de um saber menos

hierárquico, a escolha de determinado fenômeno ou meio para análise permitiu quebrar a lógica dicotômica que determinado conhecimento é mais relevante do que outro. Todo conhecimento tem a sua importância na análise geográfica. E por meio desse recorte que o estudo do meio proporciona articulamos de forma significativa saberes que antes estavam desvalorizados nas escolas parceiras.

Durante o acompanhamento das aulas sobre a formação geomorfológica do brasileiro nas escolas apresentava-se de forma destoante com a realidade dos discentes das escolas. Esse conteúdo trabalhado gerou um questionamento para os estagiários do projeto sobre como reconstruir esse conhecimento de maneira que insira os estudantes e professores-supervisores como sujeitos ativos na produção desse saber.

Os estagiários e docentes-supervisores definiram que o trabalho de campo forneceriam informações sobre essa questão, e então foi realizado trabalhos de campo com os discentes Escola Municipal João Saldanha localizada no bairro de Botafogo ao Morro Pão de Açúcar que fica próximo a escola. No decorrer do trabalho de campo muitos estudantes relataram que este local fazia parte apenas do seu imaginário, que era um local exclusivamente frequentados para quem detive-se alto grau de recurso financeiro. Na escola Municipal São Tomás de Aquino, localizada no bairro do Leme, realizamos o estudo no Campo do Leme que é uma Área de Proteção Ambiental (APA). Na escola municipal Francisco Campos, localizada no bairro do Grajaú, levamos os estudantes até Reserva Florestal do Grajaú (APA) que abrange uma parte considerável do bairro onde a escola está localizada e estamos em fase de pré – trabalho de campo sendo realizado no Centro do Rio de Janeiro (fot. 1).



Foto 1 – Pré Trabalho de Campo Centro do Rio de Janeiro.
Fonte: Autoral (2016)

O município do Rio de Janeiro é um grande cenário de paisagens naturais e humanizadas, o caminho analítico foi aprofundar essa relação entre as áreas de proteção ambiental e a expansão do tecido urbano da cidade

(fot. 2).



Foto 2 – Trabalho de Campo no Campo do Leme.
Fonte: Autoral (2015).

Os primeiros resultados com a utilização dessa metodologia foram positivos e que posteriormente viabilizaram execução dos primeiros trabalhos de campo. O aproveitamento dessa ferramenta metodológica tornou-se uma questão a ser aprofundada dentro das reuniões sobre as ações nas escolas. Após retorno de cada trabalho de campo solicitamos aos estudantes entregassem seus cadernos de campo (fot. 3) para analisarmos os pontos que para nosso entender fossem centrais a serem desenvolvidos em sala de aula, para auxiliar os professores-supervisores do projeto em suas aulas sobre o conteúdo na qual estava sendo trabalhado (fot.4).



Foto 3 - Elaboração do Caderno de Campo.
Fonte: Autoral. (2015).



Foto 4 – Atividade em sala de aula. Pós-trabalho de campo.

Fonte: Autoral. (2015)

Contudo, identificamos que nos primeiros percebemos um estranhamento sobre como eram desenvolvidas as descrições sobre as perguntas que havíamos deixado como elemento norteador para os alunos pudessem desenvolver. A forma como alunos desenvolveram as respostas no caderno de campo tinha insegurança natural, pois os alunos tiveram esse primeiro contato sobre o trabalho de campo, e a necessidade de registrar sobre aquilo que não apenas seu campo de visão capturava mas, também com auxílio de seus outros sentidos

Durante análise desses materiais nas reuniões para refletirmos sobre como foi montado esse material percebemos que não havia uma relação dialógica entre estagiários, professores-supervisores e estudantes. Contudo, estamos buscando novas abordagens para que o “Estudo do Meio”, seja utilizado não apenas para o estudo do relevo, mas para outros fenômenos presentes no espaço geográfico.

E buscando uma metodologia que construísse estratégias sólidas e com o contínuo fazer pedagógico. Percebeu-se que após essas primeiras experiências empíricas, as práticas pedagógicas passaram a ser estruturadas em três fases:

- *Planejamento*: elaboração dos objetivos, coleta dos dados (mapas, fotos, dados estatísticos), realização do pré-trabalho de campo e montagem de um caderno de atividades com os estudos e conteúdos geográficos.

- *A prática do trabalho de campo*: Execução da tarefa de campo no espaço geográfico, observação e levantamento dos dados empíricos aferidos pelos estudantes do ensino básico e orientação dos estagiários.

- *Análise/avaliação e pós-campo*: construção coletiva dos conteúdos levantados no espaço empírico, construção de materiais didáticos, tais como maquetes, mapas e ficha com textos e exercícios. Por último, os responsáveis pela atividade, discutem a proposta, empenho e organização dos conteúdos abordados no trabalho de campo.

No primeiro momento desse presente texto apresentamos as três etapas chave para o estudo do meio de maneira dialógica, mas, para que pudéssemos que chegar a este ponto foi importante resgatar nos textos clássicos sobre essa metodologia e da ciência geográfica a sustentação necessária. O uso dos conceitos da ciência geográfica quando não realizada de forma dialógica com os estudantes, torna-se apenas em conteúdos a serem cobrados nas avaliações que reforçam a hierarquização dentro do espaço de ensino-aprendizagem.

Esse espaço-vivido produzido pelo discente de maneira inconsciente é diminuído dentro da sala de aula, devido à descontinuidade que o rigor científico exige. Contudo, o resgate do Estudo do meio como metodologia como elemento norteador do projeto não ocorreu de maneira efêmera. A sua inserção foi a partir do momento que os trabalhos de campo, não forneciam às questões necessárias que emergiam durante a atividade, a decisão de recortar uma determinada área próxima às escolas para o estudo foi fundamental. Percebemos que havíamos produzidos saberes significativos sobre uma determinada realidade, e conjuntamente resgatamos a valorização do espaço-vivido aluno. Aplicação do “Estudo do Meio” nas ações do projeto permitiu retomada dos docentes-supervisores como pesquisadores e autônomos da sua prática pedagógica.

A primeira etapa foi resgatar as produções bibliográficas para fornecer ao trabalho uma sustentação teórico-metodológica, para que evitássemos desvios que levassem a caminhos que se retiram os alunos como sujeitos na produção do conhecimento. O momento posterior foi alinhar o que havia sendo trabalhado com o docente-supervisor responsável pela turma e estabelecer os pontos de contato com a turma permitindo a participação dos estagiários de forma ativa no processo. Portanto, foi necessário repensar práticas pedagógicas (re)-significar os saberes trabalhados na sala de aula. Através, da utilização do “Estudo do Meio” como recurso metodológico podemos reaproximar aquilo que havia se perdido dentro do ensino de geografia após a entrada da corrente paradigmática que fragmentou os saberes geográficos na geografia brasileira. O aproveitamento de fatores matemáticos e instrumento técnicos, removeram a ida a campo dos geógrafos, essa forma de ler o espaço retirou toda a complexidade existente na realidade e homogeneizando áreas dentro da leitura espacial.

Essa linha de análise espacial influenciou a formação de várias gerações de professores que atuam na rede pública de ensino atualmente. Essa escolha de ler e interpretar o espaço gerou afastamento na relação entre sociedade-natureza, e concebeu uma perda de sensibilidade dos geógrafos sobre as interferências gestada pelos fenômenos na superfície terrestre. A seleção de investigar apenas uma parte

realidade por esse modelo gestou uma diferença sobre o resultado, pois os conhecimentos construídos e dados levantados partem de um ponto exclusivamente do discurso pesquisador que deixa de ir a campo devido ao seu rigor teórico-metodológico.

O emprego do trabalho de campo como ferramenta metodológica para a produção de dados e relatórios sobre determinada área, é parte fundamental do método de trabalho dos geógrafos, estar em contato de uma determinada realidade sensível aumenta a capacidade de análise do pesquisador. O conhecimento originado pelo empírico faz com que novamente a prática docente, reaproxime-se de maneira horizontal no processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, o professor retoma o seu papel de pesquisador, pois o mesmo está em contato direto com essa realidade sensível, permitindo-o investigar a incidência de determinados fenômenos que estão atuando próximo ao espaço escolar.

Neste trabalho não iremos remontar esses debates epistemológicos, já muito bem explorados em outros textos com rigor necessário. O enfoque central desse texto é reafirmar que o uso do estudo do meio sem o uso adequado de um método e teoria torna-se enfadonho e rompe com qualquer tipo de avanço na metodologia de ensino.

A investigação da ocorrência de determinados fenômenos presentes no dia-a-dia do aluno permite realizar um recorte para ser analisado. A partir dessa escolha em analisar essa realidade sensível, poderemos construir uma leitura menos abstrata para o aluno essa metodologia inserida de forma conjunta na prática de ensino, rompe com o enciclopedismo e constrói uma mais relação direta nas etapas de aprendizado da educação geográfica e dando complexidade a sua forma de enxergar o espaço geográfico.

O encadeamento proveniente dessa metodologia produz caminhos viáveis para diminuir a dicotomia entre Geografia Humana e Física tão presente nos materiais e currículos na rede de ensino, essa clivagem acarreta em uma perda significativa sobre leitura do espaço. O processo de ensino-aprendizagem desse estudante durante toda a sua trajetória escolar baseada nessa fragmentação, e possivelmente terá dificuldade reunir esses conceitos ao longo do seu processo de formação, ocasionando uma perda de elementos uma leitura crítica do espaço. A teoria e o empírico não devem ser separados, pois ambos garantem uma leitura profunda dos fenômenos geográficos.

Portanto, é necessário atingir uma abordagem alternativa no ensino de geografia na escola, que tenha o objetivo e aproximação dos conteúdos geográficos com parte da realidade do discente, para que se desmonte a falácia de uma disciplina sem utilidade e concretude no cotidiano do aluno. Para que dessa forma possa

despertar o desejo e apreensão do conhecimento pelo aluno para realizar a transformação do seu cotidiano.

“O diálogo com espaço e com seus moradores movem o aluno e professor a superar o conhecimento primeiro e a partir para explicações mais ricas, pois quem interroga o meio tem a necessidade de saber como seus variados elementos estão relacionados. Formula hipóteses e tenta verificá-las, opera um verdadeiro trabalho sobre o concreto, sobre a realidade vivida, que lhe permite caminhar para um pensamento mais elaborado em direção à abstração”. (Pontuschka 1986.p.73)

As adversidades enfrentadas para realização da prática docente no ensino de geografia são muitas e cada vez mais se torna um grande desafio superá-las. O Estudo do meio, não é exclusivamente uma metodologia de ensino diferenciada, ela está para além disso, ela tem um papel importantíssimo na valorização do trabalho do docente que necessita constantemente aprimorar-se sobre as transformações existentes no espaço.

O Estudo do Meio permite que o professor combata a violência proveniente de ações de agentes externos que regulam a prática docente, e que de certa forma produz um aprisionamento da sua capacidade de produzir em conjunto com os alunos saberes significativos sobre determinada realidade. A perda sutil de sua autonomia no trabalho em sala de aula produz uma rigidez da prática pedagógica fazendo-o do mesmo em agente a serviço de sistema hegemônico excludente . A exigência da aplicação do currículo que norteia a sua prática de forma vertical transforma o docente apenas em uma peça simples de substituir. Dessa forma a utilização dessa metodologia ganha status de inovação dependendo do contexto em que vai ser trabalhada. O professor deve realizar um diagnóstico visando traçar o perfil dos discentes e suas necessidades, haja vista que isso é um fator decisivo para a motivação da aprendizagem. Não estamos aqui afirmando que o “Estudo do Meio” vai salvar o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, mas vai reaproximar da sua gênese e possibilitar ao docente que tenha mais autonomia dentro da sua prática, que a cada dia mais vem sendo cerceada por um currículo que o amarra numa lógica perversa de que os conteúdos aplicados e contabilizados por meio de avaliações são o único caminho sobre o ensino da geografia.

O desenvolvimento dos discentes a tomarem consciência dos problemas fundamentais que estabelecem o agravamento das condições vida que eles venham enfrentando,é necessário fazer a análise em termos sólidos e pontuais dessas contradições tais como elas se apresentam .Portanto, é preciso controlar todo um arcabouço conceitual para que se revelem, realidades nem sempre visíveis a olho nu e então é possível analisar sobre diversas escalas, mesmo onde as contradições atuam num nível cada vez mais refinado de abstração.

Considerações finais

O presente texto buscou apresentar as ações desenvolvidas dentro do projeto PIBID/CAP-UERJ e que através do “Estudo do Meio” como metodologia de ensino permitiu resgatar a importância da realidade sensível do aluno para análise espacial. A autonomia proporcionada por essa prática pedagógica aos estagiários e professores-supervisores para desenvolver novos conhecimentos sobre determinadas áreas, que estavam subalternizadas nos materiais didáticos da rede municipal de educação do Rio de Janeiro e da obrigatoriedade curricular que norteia a prática docente. A realidade espacial em que cada estava inserida foi fundamental para enriquecer análise e a produção de cada material utilizado com os estudantes.

A viabilidade de utilização dessa metodologia necessita de um planejamento exequível para não acarretar em problemas posteriores durante o ano letivo. O docente que pretende compreender que determinados conceitos são fundamentais para aproximar o aluno do que foi planejado até a saída de campo. Portanto, não basta aumentar a quantidade de conceitos a serem trabalhados é necessário utilizar um conceito gerador para desdobrar toda a análise. É fundamental inserir o aluno como sujeito nessa relação de ensino-aprendizagem para que o mesmo consiga desenvolver a análise espacial na micro escala. Esse resultado não é tão simples de ser alcançado, como descrevemos neste trabalho. É vital ofertar para os estudantes o caminho para que os mesmos possam escolher a melhor lente para compreender as contradições existentes no espaço. E resgatar a confiança dos professores como produtores de conhecimento, mesmo fora da academia.

Referências bibliográficas

LOPES, C.S.; PONTUSCHKA, N. N. **Estudo do meio: teoria e prática**. Revista do Programa de pós Graduação em Geografia. UEL. Londrina vol. 18 n2. p.73-90, jul./dez.2009. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index>. Acesso em: 15 de Julho de 2016.

PONTUSCHKA, N; N. Introdução ao artigo “**Uma outra relação com o tempo e o espaço**”. *Revista Orientação*. nº 7.(1986).